

DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO III CICLO DE CONFERÊNCIAS

17 NOV **Do autor ao leitor:
o como e o porquê da
mediação editorial**

11h às 13h Rui Beja
DLC CLLC, Universidade de Aveiro;
sala 2.1.11 antigo presidente do Círculo de
Leitores e da Associação Portuguesa
de Editores e Livreiros



Co-organização:
Associação Manuel Lopes Almeida (ALMA), Universidade de Aveiro
José Manuel Bernardino (Direção de Publicação Geral), Universidade de Coimbra
Maria Cristina Casagrande (DLC), Universidade de Aveiro
Saul António Gomes (Faculdade de Letras), Universidade de Coimbra

Organização:
Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro
Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

**Organização no âmbito da Licenciatura em Línguas e Estudos
Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais do Departamento de
Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro**

FCT



Do manuscrito ao livro impresso

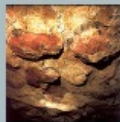
III Ciclo de Conferências

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
 Centro da História e da Cultura da Universidade de Coimbra
 Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
 17 / 11 / 2017



Inscrição rupestre



Tabuinha Suméria



Mesopotâmia



Hieroglifo



Alfabeto grego



Lápis Níger



Papiro



Pergaminho



Papel antigo



Manuscrito



Scriptoria



Oficina de copista




Livro-de-horas



Codex Sinaiticus



Impressora de Gutenberg



Do autor
ao leitor


O como e o
porquê da
mediação
editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

Evolução da palavra escrita

- ❑ **Inscrição rupestre (14.000 a.C. em Altamira na Espanha)**
 - Escrita pictográfica (final do IV milénio a.C. na Suméria)
 - Escrita cuneiforme (3.500 a.C. na Baixa Mesopotâmia)
- ❑ **Papiro (2.200 a.C. no Egipto)**
 - Escrita alfabética consonântica (1.500 a.C. na Fenícia)
 - Escrita alfabética vocal (1.000 a.C. na Grécia)
 - Escrita alfabética latina (100 a.C. Roma/Ocidente)
- ❑ **Papel (100 a.C. na China)**
- ❑ **Pergaminho (séc. II em Pérgamo na Grécia)**
 - Evolução gradual para o uso em sistema de códice
- ❑ **Manuscritos em forma de códice (séc. I no Ocidente)**
 - Período monástico – “monopólio” eclesiástico (sécs. V a XII)
 - Período laico – predominam as universidades (sécs. XIII e XIV)
- ❑ **Sistema de «pecia» (séc. XIII - Bolonha+Paris)**
 - Copistas, “Scriptoria”, Oficinas de copista (séc. XIII)
 - Ilustração xilográfica (séc. XIV)
 - Generalização do uso do papel na Europa (Final do séc. XIV)
- ❑ **Imprensa de Gutenberg (séc. XV na Alemanha)**


- (1) Foi cerca de 2200 a.C. que os egípcios desenvolveram a técnica do papiro. Para confeccionar o papiro, corta-se o miolo esbranquiçado e poroso do talo em finas lâminas. Depois de secas, são mergulhadas em água com vinagre para ali permanecerem seis dias e eliminar o açúcar. Outra vez secas, as lâminas são sobrepostas umas às outras em fileiras horizontais e verticais. A sequência do processo exige que as lâminas sejam colocadas entre dois pedaços de tecido de algodão e mantidas prensadas por seis dias. E é com o peso da prensa que as finas lâminas se misturam homogeneamente para formar o papel amarelado, pronto para ser usado. O papel pronto era, então, enrolado a uma vareta de madeira ou marfim para criar o rolo que seria usado na escrita.
- (2) Pergaminho (do grego pergaméne e do latim pergamina ou pergamina), é o nome dado a uma pele de animal, geralmente de cabra, carneiro, cordeiro, ou ovelha, preparada para nela se escrever. Designa ainda o documento escrito nesse meio. O seu nome deriva do nome da cidade onde se terá fabricado pela primeira vez: Pérgamo, na Grécia. Foi utilizado na antiguidade ocidental, em especial na Idade Média, até à difusão da invenção do papel. Quando feitos de peles delicadas de bezerras ou cordeiros, eram chamados de velino. Estas peles davam um material fino, macio e claro, usado para livros importantes. Os monges cristãos mantinham bibliotecas de pergaminhos onde monges letrados se dedicavam à cópia de manuscritos, devendo-se a essa actividade monástica a sobrevivência e divulgação dos textos clássicos da cultura grega e latina no Ocidente, principalmente à época do Império Bizantino.
- (3) O papel é um afeltrado de fibras unidas fisicamente (por estarem entrelaçadas a modo de malha) como quimicamente por pontes de hidrogénio. Terá sido inventado na China por Ts'ai Lun há mais de 2000 anos. As fibras requerem algumas propriedades especiais, como alto conteúdo de celulose, baixo custo e fácil obtenção: razões pelas quais as mais comumente usadas são as vegetais. O material mais comumente usado é a polpa de madeira de árvores, principalmente pinheiros (pelo preço e pela qualidade da fibra, muito larga) e eucaliptos (muito barata e resistente). Antes da utilização da celulose em 1840, por um alemão chamado Keller, outros materiais como o algodão, o linho e o cânhamo eram utilizados na confecção do papel. Actualmente, os papéis feitos de fibras de algodão são usados em trabalhos de restauração, de arte e artes gráficas, tal como o desenho e a gravura, que exigem um suporte de alta qualidade.
- (4) Um códice (ou codex, da palavra em latim que significa "livro", "bloco de madeira") é um livro manuscrito, em geral do período da era antiga tardia até à Idade Média. Manuscritos do Novo Mundo foram escritos por volta do século XVI. O códice é um avanço do rolo de pergaminho, e gradativamente substituiu este último como meio de escrita. O códice, por sua vez, foi substituído pelo livro impresso.
- (5) A adopção do sistema de pecia, que acelerava a rotação dos exemplares a serem reproduzidos, permitia igualmente melhorar a produtividade dos escribas, sempre preservando a qualidade dos textos postos em circulação. O sistema de pecia, que apareceu em Bolonha e em Paris durante o século XIII, consistia em confiar aos livreiros da universidade exemplares oficialmente controlados dos principais livros de estudo; tais exemplares eram feitos de cadernos (pecioe) não ligados, o que permitia serem alocados para inúmeros copistas ao mesmo tempo; estes podiam, então, produzir simultaneamente muitas cópias do mesmo livro.
- (6) “Para estampar rapidamente no velino ou no pergaminho dos manuscritos as grandes iniciais ornamentadas que deviam ocupar o espaço branco reservado pelo copista no princípio dos capítulos e dos parágrafos, recorria-se, por vezes, a gravuras em relevo talhadas em madeira ou em metal... Por isso, não devemos admirar-nos de que algumas das primeiras realizações xilográficas que se conhecem pareçam ter sido tiragens em papel de marcas destinadas à impressão em tecidos, e que estas primeiras xilografias só apareçam pouco tempo depois da vulgarização do uso do papel na Europa: digamos, alguns setenta anos «antes» do livro impresso, abrindo-lhe caminho e, de algum modo, anunciando-o.” (Febvre & Martin., O aparecimento do livro, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa – 2000, p. 54)

	<h2 style="text-align: center;">Representação gráfica</h2> <h3 style="text-align: center;">Escrita cuneiforme</h3>
<p>Do autor ao leitor</p> <hr/> <p>O como e o porquê da mediação editorial</p> <p>Rui Beja 17 /11/ 2017</p>	<p style="text-align: center;">“Tudo aquilo que aparece nas épocas cruciais da História é comparável às emergências de que falam os biólogos e certos filósofos. Assim aconteceu com a invenção da escrita, no terceiro milénio antes da nossa era”</p> <p style="text-align: right;">Paul Chalus <i>(L'apparition du livre)</i></p>


- (1) Paul Chalus, Secretário-geral do Centre International de Synthèse, in O aparecimento do livro, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa – 2000, p.1 (Prólogo)
- (2) Parece hoje ponto assente entre os estudiosos do livro e da leitura, que o nascimento da escrita ocorreu no Sul da Mesopotâmia, então designada Suméria, entre o sexto e o primeiro milénio a.C.. É também pacífico assumir que a capacidade de exprimir e interpretar sons e ideias, de forma escrita, constitui prova provada de diferenciação do ser humano relativamente a todas as restantes espécies animais que povoaram e povoam o nosso planeta.
- (3) No Departamento de Antiguidades Orientais do Museu do Louvre, em Paris, existem vários objectos que sustentam esta teoria, nomeadamente a «Tabuinha Suméria», datada do final do 4º milénio a.C..

	<h2 style="color: red;">Escrita consonântica</h2> <h2 style="color: red;">Aparecimento do alfabeto</h2>
<p style="color: red; font-weight: bold;">Do autor ao leitor</p> <hr style="width: 20%; margin: auto;"/> <p style="color: red; font-weight: bold;">O como e o porquê da mediação editorial</p> <p style="color: red; font-weight: bold;">Rui Beja 17 /11/ 2017</p>	<p>“O aparecimento do sistema consonântico [1.500 a.C. pelos Fenícios] significa uma verdadeira revolução ao fazer com que a arte de escrever saia do círculo dos escribas dos palácios e templos, possibilitando, desse modo, a extensão do seu uso.</p> <p style="text-align: center;">Na verdade, a escrita alfabética corresponde a uma «passagem política do sagrado ao profano, do secreto ao público, da seita à comunidade. A sua relativa facilidade de traçado e de decifração favorece essa democratização do signo e da escrita. O alfabeto oferece-se como uma escrita sem mistérios»”</p> <p style="text-align: right;">José Afonso Furtado (<i>O que é – O livro</i>)</p>

- (1) Furtado, José Afonso, *O que é – O livro*, Difusão Cultural, Lisboa – 1995, p. 34 (com referência parcial a: Cazade, Emile, e Thomas, Charles, “Alfabeto”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 11 pp. 173-183): *A civilização fenícia (2750-146 A.C.) – No terceiro milénio antes de Cristo, a civilização fenícia desenvolveu-se no extremo oriental do Mediterrâneo, numa região da qual fazem hoje parte a Síria, o Líbano e Israel. Os fenícios viveram na terra de Canaã até 1200 a.C. e falavam uma língua da mesma família do babilónico e do hebraico. No princípio eram conhecidos por cananeus, mas a partir de meados de 1200 a.C. tornaram-se fenícios, do grego phoinos, que quer dizer “vermelho”, cor de uma tinta exportada por eles. Embora os fenícios plantassem uvas, azeitonas e cereais e tivessem rebanhos de carneiros e bois, não havia suficientes terras férteis para que todos pudessem plantar. Muitos fenícios ganhavam a vida no comércio e na navegação, construindo barcos resistentes de cedro e pinho. Cada cidade fenícia era um estado independente, às vezes em aliança com um outro, mas autónomo. As três cidades principais eram Tiro, Sidon e Biblos, que atraíam hábeis artesãos, construtores de navios e comerciantes. Os fenícios incluem-se entre os primeiros povos a usar um alfabeto em vez de pictogramas ou hieróglifos. Havia 30 letras, todas elas consoantes*
- (2) Cerca de 1500 a.C. surge a escrita consonântica fenícia e até 1200 a.C. dá-se a transição da escrita ideográfica para a escrita fonética.
- (3) Furtado, José Afonso, *O que é – O livro*, Difusão Cultural, Lisboa – 1995, pp. 34-35, escreve sobre a evolução da escrita: “*Tratava-se agora de, neste percurso histórico, criar um sistema essencialmente fonográfico em que as vogais fossem representadas por grafismos particulares. Para tanto, foi necessário realizar-se um processo de transferência dos Fenícios para os Gregos, o que veio a ocorrer no final do segundo milénio e começo do primeiro, momento de grande significado, pois o alfabeto grego, ao adoptar uma notação também vocálica, serve de mediador entre o alfabeto semítico e a notação do alfabeto latino. Os Gregos deixaram-nos poucos testemunhos directos dos primórdios da sua escrita e todos posteriores ao século VIII a.C. Os documentos confirmam a existência de uma série de alfabetos locais, embora com largos pontos comuns, unificados no século IV a. C. Através do alfabeto jónico ou de «Mileto», então adoptado oficialmente em Atenas. As primeiras inscrições são, como no caso fenício, escritas da direita para a esquerda ou em «bustrofédon», até que, a partir do século VI a.C., se escreve em definitivo da esquerda para a direita. O alfabeto grego é uma cópia conforme do discurso falado até esse átomo indivisível que é o som. Este sistema, perfeitamente analítico, conferiu ao Ocidente a sua forma lógica e, graças a Alexandre, veio a dominar o mundo, «relegando o aramaico e seus derivados para o lugar de símbolos da resistência de algumas nações». Os Etruscos constituem o último momento na constituição do alfabeto latino. Como referem Barthes e Mauriès, «o nosso alfabeto seria um alfabeto grego que se tornou itálico depois de ter sofrido uma forte influência etrusca, e que apenas no século I se estabilizou no sistema que chegou até nós». O alfabeto definitivo, que veio a ser o latino, era composto por 24 letras, incluindo as consoantes e as vogais. No entanto, a utilização dessa escrita só se impõe verdadeiramente após as conquistas romanas. Até lá, a assimilação foi lenta e a sua evolução esteve dependente da vontade de uma classe de escribas profissionais, servindo uma vez mais de instrumento de poder de uma oligarquia, sendo raramente utilizada em Roma até ao século II a.C. Com efeito, até esse momento, só se encontram raras inscrições religiosas, e a literatura latina ter-se-á limitado, no seu início, a textos históricos ou jurídicos. A familiaridade com a escrita só se desenvolve completamente com César, momento a partir do qual o alfabeto e os caracteres latinos foram adoptados universalmente e até aos nossos dias em todo o Ocidente...”*

	<h2 style="color: red;">Do autor ao leitor</h2>
<h2 style="color: red;">Do autor ao leitor</h2> <p style="color: red;">O como e o porquê da mediação editorial</p> <p style="color: red;">Rui Beja 17 /11/ 2017</p>	<p style="text-align: center;">“Só quando o escritor abandona o texto é que este ganha existência. Nesse momento, a existência do texto é silenciosa, um silêncio que perdura até o leitor ler o texto. É apenas quando o olhar treinado entra em contacto com as marcas na placa que o texto ganha vida. Toda a escrita está dependente da generosidade do leitor”</p> <p style="text-align: right;">Alberto Manguel <i>(Uma história da leitura)</i></p>

- (1) No longo caminho percorrido pela palavra escrita, a evolução na forma de apresentação assume, igualmente, uma importância determinante. Nesse percurso de milénios, **a apresentação dos manuscritos em forma de códice** (Um códice ou codex, da palavra em latim que significa "livro", "bloco de madeira", é um livro manuscrito, em geral do período da era antiga tardia até à Idade Média) constitui um facto de tal relevância que é por muitos autores considerada como a mais importante revolução da história do livro. Embora se possa considerar que existe algum exagero nesta avaliação, face ao que viria a ser a revolução decorrente do aparecimento da imprensa, não restam dúvidas que esta nova forma de organização e divulgação dos textos em forma de folhas sequencialmente agrupadas, substituindo o formato de rolo, abriu novos e amplos horizontes na divulgação da palavra escrita. Antes do mais, e acima de tudo, a enorme flexibilização de manuseamento, a possibilidade de ler em descontínuo e a viabilidade de introdução de técnicas, como as referências e os índices, que enriqueceram a escrita e facilitaram a consulta. (Furtado, José Afonso, *O que é – O livro*, Difusão Cultural, Lisboa – 1995, p. 40)
- (2) Do códice ao livro foi um «pequeno passo... de gigante»: a invenção da imprensa, viabilizada pela **utilização do papel** e a consequente entrada na era da «Galáxia Gutenberg»
- (3) De entre os factores que contribuíram para a evolução da palavra escrita, e que conduziram ao mundo do livro tal como concebido a partir do século XV, o terceiro aspecto relevante é, sem margem para dúvidas, **o modelo de produção e divulgação do livro manuscrito**.



Manuscritos e mediação editorial

Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

- Período monástico (sécs. V a XII)
 - Copistas
 - Oficinas de copistas
 - Oficinas de iluminadores

- Período laico (sécs XIII e XIV)
 - Académicos
 - Mecenas
 - Editores

- (1) Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean, *O aparecimento do livro*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa – 2000, pp.11-30:
- (2) “...De há muito que os historiadores se acostumaram a dividir em dois grandes períodos a evolução do livro manuscrito na Europa ocidental. **«Período monástico» e «período laico»** são termos consagrados e familiares a todos quantos se interessam um pouco por estes problemas. Não é, aliás, contestável que a escolha destes qualificativos, carecendo embora de alguma precisão, não seja feliz e justa, porquanto exprime uma realidade indiscutível. **No decurso dos sete séculos que transcorreram desde a queda do Império Romano até ao século XII, foram de facto os mosteiros e, acessoriamente, o conjunto dos outros estabelecimentos eclesiásticos que conservaram o monopólio quase integral da cultura livresca e da produção do livro.**
- (3) ... Não é menos certo, por outro lado, que, a partir de fins do século XII, se verificou uma profunda alteração e que as transformações intelectuais e sociais, traduzidas nomeadamente pela fundação das universidades e pelo desenvolvimento da instrução entre os leigos, ao mesmo tempo que se assistia à formação de uma nova classe burguesa, tiveram repercussões profundas nas condições em que os livros eram compostos, escritos, copiados e difundidos.
- (4) ... Mas a característica predominante do **novo período, que começa com o início do século XIII**, é a dos mosteiros deixarem de ser os únicos produtores de livros e só os produzirem para uso próprio. **Os centros de vida intelectual foram deslocados: será nas universidades que os eruditos, os professores e os estudantes, como veremos, irão organizar, concretamente com artistas especializados, um activo comércio de livros...**Pouco a pouco, formou-se, assim, em cada centro universitário, uma verdadeira corporação de profissionais do livro, de «clérigos», ou, muitas vezes, leigos (os livreiros eram leigos; os copistas ou «escreventes», frequentemente, clérigos), que prontamente se considerou como fazendo parte da Universidade na qualidade de «partidários». Como tal, gozavam de certos privilégios, nomeadamente da isenção da derrama e da ronda, e, no plano judiciário, dependiam das autoridades universitárias (é o privilégio do «commitimus», que para eles remontava ao princípio do século XIII).
- (5) ... Com o aumento do número de pessoas capazes de ler um texto, em vez de apenas ouvi-lo, ver-se-á, no final do século XIII e durante o século XIV, aparecer uma certa especialização. O **autor** contentar-se-á, doravante, em escrever (ou compilar) a sua obra sem se preocupar com as condições graças às quais ele alcançará o seu futuro público. O melhor meio de consegui-lo, efectivamente, continuará sempre a ser o recurso aos **mecenas**. Conseguir que um rei, um príncipe, ou algum grande senhor, aceite a dedicatória de uma obra e a oferta de um exemplar de luxo, garantirá ao autor, não somente a quase-certeza de receber a recompensa material pelo seu trabalho, mas ainda uma boa oportunidade para garantir uma carreira lisonjeira para a sua composição. A moda vem de cima, e o pretensiosismo é de todas as épocas: se o público sabe que uma tal tradução não só foi aceite, mas encomendada por um rei de França, haverá quase obrigatoriamente uma clientela para seguir um exemplo vindo de tão alto, e daí resultarão novas encomendas para o autor. Este poderá, então, mandar copiar o texto de novo, a partir do seu exemplar pessoal, por um copista que contratará; tomar-se-á, desse modo, o seu próprio **editor**.”




Livro impresso e mediação editorial

Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

**Rui Beja
17 /11/ 2017**

- Políticas, programas e suportes editoriais**
- Prospecção, Informação e Conhecimento**
- Contatação de autores e gestão de direitos**
- Desenvolvimento, coordenação e promoção**
- Economia da oferta e procura do livro**

	<h2 style="color: red;">Políticas, programas e suportes editoriais</h2>
<p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em;">Do autor ao leitor</p> <hr style="width: 20%; margin: auto;"/> <p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em;">O como e o porquê da mediação editorial</p> <p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em; margin-top: 20px;">Rui Beja 17 / 11 / 2017</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❑ Política editorial <ul style="list-style-type: none"> • Generalista/especializada • Obras de autor/obras encomendadas • Colecções/séries originais ou reeditadas • Edição impressa e/ou electrónica ❑ Programas editoriais <ul style="list-style-type: none"> • Ficção literária e/ou ligeira • Divulgação, formação, vida prática, consulta/referência • Académico-científica, técnica, escolar/didáctica • Infanto-juvenil ❑ Suportes editoriais <ul style="list-style-type: none"> • Papel (Encadernado – Brochado – Livro de bolso) • Livro electrónico, Audiolivros

(1) Política editorial


- Como nos restantes domínios do conhecimento e nas múltiplas áreas da gestão, também no campo editorial a especialização foi ganhando predominio ao longo das últimas décadas do séc. XX e acentuou-se na viragem do milénio: as editoras mais tradicionais, de carácter generalista, não fogem a esta tendência, reduzindo ou mesmo abandonando a sua actividade em alguns dos segmentos de negócio, e/ou criando colecções de conteúdo temático bem definido; as editoras de criação mais recente estão predominantemente focadas em nichos específicos de mercado; e os grupos editoriais e as editoras de maior dimensão têm vindo a criar subsidiárias, ou chancelas, também com objectivos de especialização.
- Em geral, prevalecem as obras concebidas e desenvolvidas pelo autor e apresentadas aos editores para publicação; as obras de encomenda decorrem, em regra, de uma das seguintes situações: memórias ou testemunhos ditados pelo visado e escritas por um terceiro; livros encomendados por empresas para oferta (ilustrados e relativos ao seu historial ou a um temas específicos); investigação histórica e documental; grandes obras de referência temática; e, muito excepcionalmente, livros temáticos a escrever por autor com grande prestígio, por ocasião de eventos ou efemérides de grande significado.
- Por outro lado, as novas tecnologias, do mesmo passo que viabilizam economicamente a especialização, abrem as fronteiras da edição impressa para o mundo globalizado e praticamente sem limites da edição electrónica; apesar de tudo e contra a visão fatalista de uns quantos, a edição electrónica dificilmente dispensará, como o próprio nome indica, a função do editor, ainda que com contornos diferentes dos que ainda prevalecem. É já frequente a edição simultânea em papel e em livro electrónico.

(2) Programas editoriais

- Os catálogos editoriais seguem a mesma tendência de uma clara e inequívoca consistência dos conteúdos agrupados numa mesma linha editorial, ou colecção. O leitor quer saber com o que pode contar quando lhe apresentam uma determinada obra inserida numa certa colecção; e não chega caracterizar, por exemplo uma colecção, como ficção literária, é necessário ir mais longe e especificar que tipo de ficção literária (o mesmo se aplicando a outros géneros e temas).
- Estamos perante um mundo em que os limites residem na criatividade de autores e editores e não em concepções editoriais pré-estabelecidas ou em imposições técnicas restritivas
- A partir de livros, e mesmo de colecções originais, é possível organizar colecções temáticas, tanto de carácter fechado (o conjunto dos vários tomos funciona como um todo), ou abertas (cada tomo vale por si, mesmo que desintegrado da colecção)

(3) Suportes editoriais

- Também neste domínio, a tradição já não é o que era! Nos países com elevado nível de literacia e hábitos de leitura fortemente enraizados, a edição impressa seguia a sequência: *hard cover* – *paperback* – *pocket book*. Nos dias de hoje, os diferentes tipos de edição sobrepõem-se e convivem com a edição electrónica e os audiolivros, numa lógica de diferenciação pelo segmento de mercado a que se dirigem, o qual depende mais dos hábitos e locais de consumo, do que do perfil cultural do consumidor.



Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

Prospecção, informação e conhecimento

- Meios de comunicação e informação literária
 - Revistas/jornais nacionais/internacionais, sites, blogues
- Top's internacionais de vendas
 - New York Times (EU) Amazon (EU,UK), FNAC (França)
- Feiras do livro
 - Frankfurt, Londres, Liber (Barcelona/Madrid), Bolonha
 - Book Expo America
 - Bienal do Livro Rio de Janeiro/S.Paulo
- Agentes literários
- Programas televisivos sobre livros
- Prémios literários
- Festivais literários

(1) Meios de comunicação e informação literária

- Na era da informação em que vivemos, a complexidade do trabalho de prospecção reside na selecção da qualidade a partir da muita quantidade e não mais, como ainda na segunda metade do século XX, na dificuldade em obter informação;
- Torna-se portanto essencial que, sem perder de vista uma permanente atenção a tudo quanto aparece de novo, exista uma concentração eficaz no essencial para o objectivo pretendido:
 - Revistas internacionais: Bookseller (UK) e Lire (França)
 - Revistas nacionais – LER, Jornal de Letras e páginas especializadas de diários e semanários
 - Sites internacionais - <http://www.bookreads.com/>; <http://www.publishersweekly.com/>;...
 - Sites nacionais como Escritores Online

(2) Top's internacionais de vendas

- De entre as muitas possibilidades existentes prevalecem as mencionadas no slide

(3) Feiras do livro

- As novas tecnologias e os novos meios de comunicação vieram alterar o papel das Feiras do Livro, mas não lhe retiraram importância: o contacto visual e físico com o livro e a relação interpessoal que se estabelecem nestes grandes foruns, continuam a ser imprescindíveis para os profissionais da gestão editorial; as Feiras mencionadas no slide e outras de grande interesse como Turim (Itália), Paris (França) ou Guadalajara (México) são tão imprescindíveis para a actividade editorial como um bom restaurante para se concretizar um bom negócio.

(4) Agentes literários

- Constituem um dos mediadores mais relevantes no negócio editorial, bem exemplificado em casos de editores portugueses integrados num grupo internacional terem, por vezes, de negociar com um Agente Literário os direitos detidos pela casa-mãe;
- Andrew Wylie é o leader a nível internacional
- Em Portugal os Blogtailors começam a ter uma carteira com significado

(5) Programas televisivos sobre livros


- A força da televisão é ainda tanta que quase podemos dizer que o que não aparece na TV não existe, mas em Portugal tem pouca expressão no que se refere à divulgação de obras e autores;
- Programas de recomendação de livros, como "Richard & Judy", levam a um aumento substancial de vendas, tornando-se uma fonte privilegiada para escrutínio de tendências

(6) Prémios literários

- Embora a atribuição de um prémio literário contenha sempre algo de subjectivo e nem sempre corresponda a uma grande receptividade por parte do público não deixa de corresponder a uma referência para apoiar o escrutínio das obras a incluir em catálogo (seja pelo volume de vendas, ou pela imagem de marca) e para credibilização de novos autores
- O Book Prize, o Pulitzer, ou o Nobel da Literatura, constituem um forte indicativo de sucesso anunciado, a requerer atenção

(7) Festivais literários

- Constituem uma forma crescente de divulgação do livro, dos autores consagrados e de novos autores



Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

Contratação de autores e gestão de direitos

- Fontes de contratação de direitos de autor
 - Autores ou Agentes literários
 - Editores com direitos universais
- Métodos de contratação de direitos de autor
 - Ajuste directo ou leilão
 - Conjunto de obras
 - Canais de distribuição
- Contrapartidas para cedência de direitos de autor
 - Adiantamentos para obras concluídas, ou em concepção
 - Percentagem sobre o valor das vendas
 - *Forfaits*
- Ameaças aos direitos de autor
 - Digitalização e cópia privada

(1) Fontes de contratação de direitos de autor

- Não existe uma regra que determine com quem devem ser contratados os direitos de publicação, pois tudo depende do contrato inicialmente estabelecido com o autor;
- Maioritariamente, os autores entregam a sua representação à Editora ou Agente com que habitualmente trabalham;
- Em obras encomendadas, os contratos são, habitualmente, estabelecidos com o(s) autor(es);
- A evolução no mercado de distribuição e retalho, limita a existência de um proprietário dos direitos universais e a crescente complexidade desta matéria recomenda o acompanhamento da contratação por parte de jurista especializado.

(2) Métodos de contratação de direitos de autor


- Também neste campo, as opções são múltiplas e têm de ser decididas em conformidade com cada caso em concreto;
- O ajuste directo com o detentor dos direitos, verifica-se mais usualmente nos casos de obra por encomenda e nas situações em que já existe uma relação estável e duradoura;
- O leilão constitui uma prática de vulgarização recente, seguindo habitualmente os seguintes princípios:
 - A iniciativa parte do Editor ou do Agente Literário e, normalmente, existem 2 ou 3 lances
 - Os vendedores vão dando sinais que apontam para o valor de adiantamento que pretendem atingir, sendo que o investimento em promoção e marketing é tomado em consideração
 - Há vendas em "pacotes" constituídos por vários títulos do mesmo autor e existe uma certa fidelização dos Autores às Editoras, desde que não ocorram situações especiais (casos atípicos como Nora Roberts que está em várias Editoras);

(3) Contrapartidas para cedência de direitos de autor

- O adiantamento de um valor absoluto por conta de direitos a calcular em função das vendas de uma obra concluída é usual;
- O adiantamento de direitos por conta de obras a apresentar, tradicionalmente reservado a obras encomendadas, começa a ser praticado como forma de as Editoras agarrarem os "Autores" mais importantes por um período alargado de tempo;
- O valor dos adiantamentos varia em função das perspectivas de venda, situando-se por norma entre 2.500 e 10.000 €, com uma predominância ao nível dos 5.000 €;
- A percentagem de direitos de autor, calculada sobre o preço de venda, situa-se entre os 8% e os 10%, podendo chegar a 12% (ou até mais) em caso de autores best-sellers, ou de grandes tiragens de uma obra (por vezes os contratos prevêm o crescimento da % de direitos com o aumento das quantidades vendidas);
- O produto da venda de direitos de autor para o estrangeiro é usualmente de 50% para o autor e 50% para o Editor;
- O regime de *forfaits* é utilizado em casos muito excepcionais, quando se pretende dissociar o valor dos direitos do valor das vendas por estas se efectuarem em circunstâncias especiais (oferta, campanhas especiais...)

(4) Ameaça aos direitos de autor

- A digitalização e as cópias piratas constituem as duas mais fortes ameaças à retribuição do trabalho intelectual dos autores e, na falta de legislação e fiscalização adequadas, podem afectar substancialmente a produção editorial.


	<h2 style="color: red;">Desenvolvimento, coordenação e promoção</h2>
<p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em;">Do autor ao leitor</p> <hr style="width: 20%; margin: auto;"/> <p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em;">O como e o porquê da mediação editorial</p> <p style="color: red; font-weight: bold; font-size: 1.2em;">Rui Beja 17 /11/ 2017</p>	<ul style="list-style-type: none"> □ Desenvolvimento e coordenação editorial <ul style="list-style-type: none"> • Relação editor-autor e procedimentos de <i>editing</i> • Traduções e adaptações • Revisões técnicas, científicas e ortográficas • Relação editor-gráfico • Preparação de «Grandes Obras» □ Determinação de preços de venda <ul style="list-style-type: none"> • Em função dos custos de produção e comercialização • Em função dos preços de mercado □ Meios de promoção <ul style="list-style-type: none"> • Publicidade nos <i>media</i> • Apresentações e entrevistas públicas • Contactos internacionais • Campanhas promocionais

(1) Desenvolvimento e coordenação editorial

- O *editing* (apoio do editor na otimização do texto, em aspectos de sintaxe, semântica e vocabulário) constitui um dos aspectos mais relevantes da sua função e também dos mais exigentes e sensíveis na relação com o autor;
- A qualidade das traduções, adaptações e revisões técnico/científicas, marca a diferença e determina a fiabilidade de um editor
- O acordo ortográfico, é um acordo ou uma cedência? A quem interessa um acordo ortográfico que mantém diferenças...ortográficas? Como se resolvem as questões de sintaxe, semântica e vocabulário? Que implicações ao nível das traduções oficiais e nas que respeitam a livros técnicos e científicos? E os manuais escolares?
- Um bom editor tem de saber tanto de impressão como um bom gráfico.
- A preparação de «Grandes Obras» constitui um dos grandes desafios editoriais, tanto na concepção como no exaustivo trabalho de apoio (sobretudo no escrutínio e recolha de documentação e ilustrações) e na coordenação técnico-editorial do trabalho a desenvolver pelos vários autores

(2) Determinação de preços de venda

- Embora cada livro seja um produto único, a competitividade de preços existe e é aferida por obras idênticas (real ou aparentemente) - o consumidor também compara preços de livros diferentes do mesmo editor;
- Face à concorrência crescente, a determinação de preços evoluiu da base custos de produção para a base preços de mercado



Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 / 11 / 2017

Economia da oferta e procura do livro

- Evolução de tendências, dos anos 70 aos dias de hoje
 - Até ao 25 de Abril – clássicos e contemporâneos, internacionais e nacionais não censurados
 - No PREC (1974-76) – Política, sexualidade, erotismo
 - Final dos anos 70 – Best-sellers, divulgação, ficção científica e social
 - Anos 80 – Autores portugueses contemporâneos, documentos, biografias, vida prática, enigmas
 - Anos 90 – Historiografia portuguesa, romance histórico, ensaio, saúde ecologia, pensamento positivo, esoterismo
 - Século XXI – Literatura ligeira, memórias, autores mediáticos
- Procura induzida e procura dirigida
 - Os livros escritos para o grande público
 - Os livros procurados pelos leitores selectivos
- Canais de distribuição e comércio livreiro
- Divulgação dos produtos editoriais
 - Marketing – canais de venda – comunicação – leitores

A profissão de Editor requer capacidades intelectuais, humanas e técnicas profundas e multifacetadas. Antes de se ser Editor por profissão, há que ser editor por vocação.

Este slide sintetiza, de certa forma, alguns dos aspectos relevantes que caracterizam as competências requeridas a um Editor, para o desenvolvimento de uma actividade que propicie a realização pessoal e o sucesso profissional:

- Conhecimento profundo do que se passou e do que se passa no mundo em que se movimenta;
- Flexibilidade mental que permita encarar sem preconceitos e aplicar na justa medida, o necessário equilíbrio entre best- sellers (as bestas céleres de que falava Alexandre O'Neill) e livros destinados a bibliófilos, a elites intelectuais, ou a pequenos nichos de mercado;
- Capacidade de se relacionar de forma adequada, competente e conhecedora, não só com os autores e com os fautores do livro, mas também com todos os que contribuem para a sua distribuição e comercialização;
- Compreender e fazer-se compreender pelos leitores.



Era da informação global

Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

- Publicação tradicional com mediação editorial
- Publicação subsidiada com mediação editorial
- Chancelas com publicação paga pelo autor ao editor
- Publicação em livro electrónico
- Edição de autor
 - Impressa em tipografia
 - Print on demand
 - Auto edição online
- Republicação em plataformas online



Do autor ao leitor

O como e o porquê da mediação editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

Ser mediador editorial Uma definição ● Uma homenagem

“Ele sabia que um bom editor era, também, um bom leitor.

Mais: que todo o editor devia ser, antes de mais, um bom leitor, munido dessa espécie rara de inocência que permite o encantamento, a paixão, o deslumbramento e, depois, o rigoroso e subtil exercício da crítica e da razão.

Todos os que privaram com **Manuel Dias de Carvalho** sabem que ele vivia a vida de cada livro – por dentro, desde o primeiro contacto com o manuscrito (e, antes, com a ideia do livro; ou, antes ainda, com a percepção da necessidade daquele livro), até às escolhas tipográficas (tipo de letra, papel, cor, formato, *design*), à produção final e à sua promoção”

Francisco José Viegas

(CIRCULO DE LEITORES: Vinte e cinco anos de livros. Vinte e cinco anos de paixão)



Do manuscrito ao livro impresso

III Ciclo de Conferências

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
Centro da História e da Cultura da Universidade de Coimbra
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Do autor ao leitor

O como e o
porquê da
mediação
editorial

Rui Beja
17 /11/ 2017

Muito Obrigado